

Por uma perspectiva dialógica de abordagem da sintaxe em práticas de análise linguística

Towards a dialogical perspective of syntax approach in linguistic analysis practices

Adriana Delmira Mendes Polato¹

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

ampolato@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8764-4217>

Renilson José Menegassi²

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

renilson@wnet.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-7797-811X>

Ângela Francine Fuza³

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

angelaфуza@mail.uft.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-8265-4064>

Resumo: O artigo propõe, discute e defende a emergência de uma abordagem dialógica para a sintaxe, a ser considerada em práticas de análise linguística de perspectiva dialógica. Revisitam-se e sistematizam-se princípios teórico-metodológicos orientadores cunhados em diversos textos do Círculo de Bakhtin, e já reverberados parcialmente em trabalhos da Linguística Aplicada do Brasil, desde os que defendem o ensino contextualizado da gramática até os vinculados à proposta de análise linguística. Os resultados apontam que a abordagem dialógica da sintaxe é

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UEM-PR). Professora de Língua Portuguesa e Prática de Ensino de Língua Portuguesa da graduação em Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-PR). Professora permanente no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD/UNESPAR).

² Doutor em Letras (UNESP-SP). Professor da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM-PR).

³ Doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP-SP). Professora da graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/UFT) e do Programa de pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT/UFNT).

enunciativa por natureza, tendo foco às relações dialógicas e lógicas que constituem o sentido dos enunciados e às quais são inerentes a compreensão: a) das formas valoradas de introdução do discurso alheio no discurso autoral; b) das axiologias concretizadas na materialidade linguística; c) dos efeitos de sentido ou ressaltos valorativos consubstanciadores da expressividade do enunciado.

Palavras-chave: dialogismo; sintaxe; prática de análise linguística.

Abstract: The article proposes, discusses, and advocates the emergency of a dialogical approach to syntax, to be considered in practices of linguistic analysis from a dialogical perspective. It revisits and systematizes the theoretical and methodological principles found in several texts of Bakhtin's Circle, which have already been partially reverberated in works of Brazilian Applied Linguistics, from those that defend the contextualized teaching of grammar to those linked to the proposal of linguistic analysis. The results point out that the dialogical approach to syntax is enunciative by nature, focusing on the dialogical and logical relations that constitute the meaning of the enunciatees and to which are inherent the comprehension of: a) the valued forms of introduction of another's discourse into the author's discourse; b) the axiologies concretized in the linguistic materiality; c) the effects of meaning or valorative stresses that consubstantiate the expressiveness of the enunciatee.

Keywords: dialogism; syntax; linguistic analysis practice.

Considerações iniciais

Nos campos da Filosofia da Linguagem, da Linguística Geral e da Linguística Aplicada, seja em diferentes perspectivas gramaticais, como a tradicional (Cegala, 2008), a funcionalista (Castilho, 2014; Neves, 2018), a gerativista (Chomski, 1957; Negrão; Scher; Viotti, 2012), e mesmo de forma subjacente a uma orientação discursiva, como se mostra na análise de discurso de linha francesa (Henry, 1990), apresentam-se discussões conceituais e teórico-metodológicas diversas para compreensão de fenômenos da sintaxe.

Todavia, apesar da relevância e da abrangência que os pressupostos teórico-metodológicos de uma concepção sociológica e dialógico-enunciativa de linguagem preconizada pelo Círculo de Bakhtin logram na Linguística Aplicada do Brasil, ainda são incipientes as discussões sobre uma possível abordagem dialógica da sintaxe, embora o Círculo a tenha pronunciado (Bakhtin, 2003 [1979], 2013 [1940-1960], 2015 [1934-1935]; Volóchinov, 2018 [1929-1930], 2019 [1926], 2013 [1930]; Medviédev, 2019 [1928]) e alguns autores já a tenham reenunciado parcialmente do ponto de vista pedagógico (Franchi, 1987; Geraldi, 1991, 2016; Ohuschi, 2013; Polato; Menegassi, 2017, 2018,

2019a, b, 2020; Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020), ou reafirmado do ponto de vista teórico (Castro, 2009).

A pesquisa de Polato (2017), constituída a partir da análise de 77 trabalhos sobre análise linguística e ensino gramatical contextualizado na Linguística Aplicada (LA) do Brasil, em percurso histórico, atestou que menos de 5% dedicam-se à abordagem de aspectos da sintaxe em práticas prospectadas ou aplicadas e analisadas em situações de ensino. Esse resultado expõe lacuna na literatura do país, uma vez que há o entendimento de autores do Círculo (Volóchinov, 2018 [1929-1930], 2013 [1930]; Bakhtin, 2013 [1940-1960]) de que as formas sintáticas são sumariamente importantes à compreensão e à produção do discurso, por serem as mais próximas dos enunciados concretos e por unirem relações dialógicas e lógicas imperativas à coprodução de sentidos nos enunciados.

Diante do exposto, o objetivo central deste trabalho é triplo: propor, discutir e defender a emergência de uma abordagem dialógica e pedagógica da sintaxe. Para tanto, parte de três desdobramentos: a) recuperar princípios teórico-metodológicos dialógicos dispostos em diversos textos do Círculo de Bakhtin relacionados ao tema (Bakhtin, 2003 [1979], 2013 [1940-1960], 2015 [1934-1935]; Volóchinov, 2019 [1926], 2013 [1930], 2018 [1929-1930]; Medviédev, 2019 [1928]); b) demonstrar como esses princípios têm se reverberado a reflexões teóricas e a propostas de práticas pedagógicas de análise linguística que dialogam ou assumem princípios orientadores da perspectiva sociológica e dialógico-enunciativa de trabalho com a linguagem (Franchi, 1987; Geraldi, 1991, 2016; Ohuschi, 2013; Polato; Menegassi, 2017a, 2018; 2019b; 2020 Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020); c) sistematizar e caracterizar os princípios teórico-metodológicos orientadores da abordagem dialógica da sintaxe em situação pedagógica.

No plano metodológico, portanto, a discussão se assenta no movimento dialógico retrospectivo e prospectivo de pesquisa (Bakhtin, 2003[1979]), aqui coadunado ao objetivo da Linguística Aplicada sócio-histórica de solucionar problemas sociais contextualizados de natureza linguística e discursiva, que possam ser úteis a participantes sociais, dentro de um contexto de aplicação (Rojo, 2006). Nesse sentido, independentemente dos desenvolvimentos já alcançados na literatura da área e dos postulados reconhecidos e refletidos nas gramáticas de orientações diversas, a abordagem dialógica de cunho pedagógico da sintaxe, a ser apresentada neste trabalho, difere-se das demais por ser enunciativa e não fechada em si, mas formada por princípios dialógicos orientadores que a constituem para além de qualquer fixidez analítica abstrata, a favorecer a expansão de compreensões cognitivas já postas e, por consequência, a ampliação socioideológica do produtor e do seu interlocutor.

Assim, a responder os objetivos delineados, encadeiam-se três seções no desenvolvimento deste trabalho: a) a primeira atende ao movimento retrospectivo de pesquisa e revisita, de forma principal, pressupostos exarados em cinco textos de Volóchinov e Bakhtin em que a sintaxe aparece em foco de discussão. Este diálogo se entrelaça com outros textos do Círculo⁴, assim como a diálogos

⁴ Questões referentes à sintaxe aparecem pelo menos referenciadas em outros textos, como: “Gêneros do discurso” (Bakhtin, 2003[1979]), o “Problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (Bakhtin, 1988a), “A palavra

refratários suscitados na LA do Brasil. Os quatro primeiros textos principais estão dispostos em *Marxismo e filosofia da linguagem – MFL* (Volóchinov, 2018 [1929-1930]), na parte intitulada “Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua: experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos”. E o quinto refere-se a *Questões de estilística no ensino de língua* (Bakhtin, 2013 [1940-1960]), do qual recuperamos as reflexões do Bakhtin-professor a uma abordagem dialógica da sintaxe em situação de ensino, a partir de relato de aplicação realizada por ele em sala de aula, no ensino de períodos assindéticos compostos por subordinação a uma turma de nono ano de russo.

Na segunda seção do trabalho, estabelecemos uma retomada cronológica para recuperar e descrever como a abordagem dialógica da sintaxe tem se reverberado em orientações teórico-metodológicas e propostas de práticas dispostas em trabalhos da LA do Brasil, no intervalo entre 1987 e 2021, pela mediação de atividades epilinguísticas como componentes de práticas ressignificadas de ensino gramatical ou de análise linguística de perspectiva dialógica. Na terceira seção, sistematizamos os princípios teórico-metodológicos orientadores da proposta de abordagem dialógica da sintaxe, em situação pedagógica, a coadunar as proposições do Círculo aos seus elos posteriores na Linguística Aplicada do Brasil.

Orientação teórico-metodológica para a abordagem dialógica da sintaxe

“A teoria do enunciado e problemas de sintaxe” é o primeiro capítulo da terceira parte de MFL, que abarca a discussão da sintaxe. Nesse capítulo, Volóchinov (2018 [1929-1930]) problematiza o interesse secundário da Linguística por esse nível de análise linguística e aponta à improdutividade das abordagens formais e estruturais vigentes no contexto do início do século XIX, as quais, posteriormente, orientaram historicamente a abordagem pedagógica da sintaxe, e cujas refrações ainda perpassam propostas e práticas de ensino e aprendizagem na escola brasileira (Polato, 2017).

A crítica de Volóchinov (2018 [1929-1930]) incide ao estudo da sintaxe pelas lentes predominantes da fonética e da morfologia. A focar as limitações da Linguística Comparada e desfechar na crítica aos pressupostos do objetivismo abstrato, Volóchinov problematiza os desenvolvimentos vinculados a esses níveis privilegiados à época, que não servem de parâmetro ao que prospecta como abordagem sociológica da sintaxe, por renegarem a dimensão extraverbal, sócio-histórica, cultural e ideológica constitutiva dos enunciados.

Em embate à morfolologização da sintaxe, Volóchinov argui que, “de todas as formas da língua, as sintáticas são as que mais se aproximam do enunciado, isto é, daquelas dos discursos verbais concretos” (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 242). Portanto, em seu estatuto sociológico, deveriam ser analisadas a partir do corpo vivo dos enunciados concretos, com foco ao ajustamento às reações do

na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica” (Volóchinov, 2019 [1926]), “Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística” (Volóchinov, 2013 [1930]), “Discurso no Romance” (Bakhtin, 2015[1934-1935]), “A construção do enunciado” (Volóchinov, 2019[1930]) e outros enunciativamente coerentes.

ouvinte ou do leitor ao posicionamento axiológico e ideológico compartilhado sobre a temática discursivizada. Para o autor, quanto mais fraco é o ajustamento de orações e parágrafos à reação antecipável ao interlocutor constituído e ao intuito discursivo, menos organizada e efetiva é a atuação discursiva completa própria ao enunciado. Ponto crucial da proposta dialógica.

Em discussão complementar, Bakhtin (2003 [1979]) afirma que a oração “[...]” “afirmativa em sua *forma*, torna-se afirmação *real* apenas no contexto de um determinado enunciado” (Bakhtin, 2011 [1975], p. 288, grifos do autor). Ainda que preserve coerência enunciativa no interior do enunciado, unidade do discurso e de análise (Bakhtin, 2008 [1963]); Acosta Pereira; Brait, 2020), a oração não é capaz de encerrar a alternância dos sujeitos do discurso, assim como encerra o enunciado. No entanto, a oração o compõe com as funções de mobilizar discursos já ditos, orientar-se semântico-axiologicamente ao objeto do discurso, mobilizar compartilhamentos axiológicos entre os interlocutores constituídos, elementos estes vinculados à dialogicidade constitutiva dos enunciados em sua expressividade. Nessa compreensão, as relações de sentido dentro do enunciado tanto são de índole lógico-objetiva quanto de índole dialógica (Bakhtin, 2003 [1979], 2013 [1940-1960], 2015 [1934-1935]; Volóchinov, 2019 [1926], 2019 [1930]). Ignorar o potencial da estrutura sintática de mobilizar relações dialógicas, portanto, significaria fragmentar e negar o discurso em sua integridade, em detrimento à compreensão das estruturas e seus sentidos lógicos e isolados, outro ponto relevante do dialogismo a respeito da sintaxe.

Bakhtin (2003 [1979]) e os explicadores Faraco (2009) e Acosta-Pereira e Rodrigues (2015) consideram que as relações dialógicas se configuram como relações de sentido que se estabelecem entre enunciados integrais, a partir de formas concretas diversas, de retomadas, remissões, sejam elas mostradas ou constitutivas. Elas se manifestam entre palavras isoladas, no estilo pluridiscursivo do autor de linguagem, nos confrontos ou encontros de vozes, entre fenômenos conscientizados, entre imagens, entre tons expressivos dos gêneros, entre estilos. A análise de relações dialógicas não dispensa a compreensão dos sentidos lógicos suscitados pelas formas sintáticas que as mobilizam.

No primeiro capítulo da terceira parte de MFL, Volóchinov (2018 [1929-1930]) prepara as bases para compreendermos que as formas sintáticas, assim como a palavra, podem ser analisadas do ponto de vista valorativo do trabalho autoral, ao compartilhar, organizar e revalorar vozes sociais no discurso, mobilizar blocos de juízo de valor e entonacionais, aspectos axiológicos ligados ao fenômeno da apreensão apreciativa do discurso e do suscitar de sua resposta posicionada de confronto ou reforço no meio social.

Todos esses aspectos remetem à indissociável relação estilo-gramática (Bakhtin, 1988 [1975], 2003 [1979], 2013 [1940-1960]), a partir da qual se concebe o estilo como representativo de relações sociais (Polato; Menegassi, 2017), do diálogo de consciências socioideológicas (Faraco, 2009), que se formam e se expandem na e a partir da interação discursiva, cujas as enunciações e enunciados inerentes são o berço do compartilhamento de axiologias que envolvem apreciações do autor/criador (Faraco, 2007) e do interlocutor sobre determinado tema social do discurso (Volóchinov, 2019 [1926]). Assim, o estilo verbal do enunciado se constitui lugar dialógico, heterodiscursivo (Bakhtin, 2015 [1934-1935]), em face de as escolhas vocabulares e sintáticas da autoria estarem orientadas por

ligações objetais e semânticas de caráter cognitivo, ético e estético (Polato; Menegassi, 2017), que dizem do compartilhamento intersubjetivo de um projeto de dizer posicionado que se encerra no enunciado, o qual sustenta relações de alteridade (Amorim, 2004).

A explicação de Faraco (2009, p. 137) aclara o posicionamento do Círculo sobre a importância do estilo: “o estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo: as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posições axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais”. Já a gramática se constitui um leque sociovalorado e aberto de opções ao autor de linguagem (Franchi, 1987). O estilo tanto responde às regularidades dos gêneros discursivos e, nesse caso, determinadas estruturas sintáticas são mais comuns a certos gêneros que a outros, quanto pode representar escolhas socioindividuais do autor de linguagem. Explica-nos Bakhtin (2003 [1979]) que, nos gêneros mais protocolares, a escolha é menos aberta, já nos gêneros em que prevalece a individualidade autoral, a escolha gramatical, aqui em destaque a sintática, é um ato de estilo socioindividual ligado à decisão autoral (Bakhtin 2003 [1979], 2013 [1940-1960]), porque as diferentes relações lógico-semânticas e axiológicas estabelecidas pela escolha sintática influenciam na orientação apreciativa do discurso. Quanto maior for a consciência do autor de linguagem sobre isso, maior será sua habilidade de operar com e sobre a linguagem, para concretizar projetos intersubjetivos de dizer (Franchi, 1987; Geraldi, 1991, 2016).

Ao nos voltarmos às conclusões lançadas por Volóchinov (2018 [1929-1930]), em “A teoria do enunciado e problemas de sintaxe”, vemo-lo a defender uma metodologia sociológica para abordagem da sintaxe, de forma subjacente e coerente à orientação do método sociológico para estudo da língua, postulado em “A interação discursiva”, último capítulo de MFL, que precede a terceira parte do livro dedicada às discussões sobre a sintaxe. Em ordem, o método sociológico para estudo da língua/discurso prevê o estudo das

1. formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
2. formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
3. [e] partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volochinov, 2019 [1929-1930], p. 220).

O método sociológico (Volóchinov, 2018 [1929-1930]) constitui-se base concreta que regimenta a abordagem da língua/discurso (Bakhtin, 2008 [1963]), porque o verbal não significa sem o extraverbal, nem à parte das relações de alteridade entre sujeitos, visto a materialidade representar relações sociais (Volóchinov, 2013 [1930]).

No final de “A teoria do enunciado e problemas de sintaxe”, Volóchinov (2018 [1929-1930]) anuncia que o fenômeno da transmissão do discurso alheio e suas formas sintáticas de introdução serão abordados no próximo capítulo, o que se constitui subtema importante a ser revisitado. O autor finaliza esse primeiro capítulo a reconhecer que a abordagem sociológica dos fenômenos da sintaxe sugerida é menos segura para o analista, porque está para além da lógica gramatical que imputa a análise de categorias fixas incapazes de abarcar as que emergem no bojo da singularidade enunciativa. É na e a

partir da análise de relações dialógicas, em primeiro plano, e lógicas, em segundo, que as formas sintáticas podem ser abordadas no processo de ensino e aprendizagem da língua a partir de seu funcionamento no enunciado (Polato; Menegassi, 2018, 2019b).

Já a discutir a “Exposição do problema do discurso alheio”, Volóchinov (2018 [1929-1930]) vincula o fenômeno da sintaxe à orientação metodológico-sociológica que diz da importância das formas valoradas de introdução do discurso alheio no discurso autoral. Para ele,

o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado. [...] o enunciado alheio não é apenas o tema do discurso: ele pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como seu elemento construtivo e específico. Nesse caso, o discurso alheio mantém sua interdependência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assinalou (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 249).

Considerar a importância da apreciação sobre o discurso do outro e sua introdução revalorada no discurso autoral representa um caminho para a análise da composição valorada e dialogizada do discurso em situação de ensino e aprendizagem. Como problematiza o próprio Volóchinov (2018 [1929-1930]), o estudo das formas de introdução do discurso alheio no discurso autoral está para além do ato didático-pedagógico, avaliado como mau e inadmissível, de solicitar a transformação do discurso direto para o discurso indireto em exercício gramatical estrutural, sem se promover a reflexão sobre os efeitos de sentido decorrentes das mudanças. Uma prática reducionista, como a problematizada, desconsidera o fenômeno da reacentuação entonacional, que permite a compreensão do tom volitivo-emotivo como uma expressão do projeto de dizer autoral, aspectos importantes à compreensão e à produção do discurso.

Para Volóchinov (2018 [1929-1930], p. 250), a questão central é discutir “o enunciado autoral que incorporou outro enunciado em sua composição e como elabora as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para sua assimilação parcial, para sua inclusão na unidade sintática, composicional e estilística do enunciado autoral”. Dessa discussão, emerge a defesa de que as formas de transmissão do discurso alheio refletem tendências fundamentais e constantes da recepção ativa desse discurso. É nesse veio de compreensão, portanto, que as estruturas sintáticas podem ser estudadas e interpretadas sob perspectiva dialógica.

Volóchinov (2018 [1929-1930]) preocupa-se em discutir como o interlocutor experimenta a enunciação do outro na sua consciência, no seu discurso interior, a partir da estrutura gramatical já socialmente valorada e de como a reelabora. Para ele,

o mecanismo deste processo não está na alma individual, mas na sociedade que seleciona e gramaticaliza (ou seja, insere na estrutura gramatical da língua) apenas os aspectos da percepção ativa e avaliativa do enunciado alheio que são socialmente pertinentes e constantes, e por conseguinte, baseiam-se na própria existência econômica de uma coletividade falante (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 252).

No discurso interior, ao qual também é inerente a entonação interior e o estilo interior, ocorre a recepção e a avaliação social do enunciado alheio, gerando-se seu comentário e sua réplica. Nesse processo, a estrutura gramatical já não é apenas um substrato objetivo, morto, lógico, mas advém dos usos sociais e serve à mobilização de relações dialógicas, pois “*na própria estrutura da língua se reflete o acontecimento da inter-relação dos falantes*” (Volochinov, 2013 [1926], p. 93, grifos do autor).

Sobre as formas de introdução do discurso alheio no discurso autoral em MFL, Volóchinov (2018 [1929-1930]) aponta duas tendências da inter-relação dinâmica entre o discurso alheio – transmitido – e o discurso autoral – transmissor. A primeira envolve a “reação ativa ao discurso alheio” e a preservação de sua alteridade e autenticidade, com certa proteção à penetração das entonações autorais. Neste caso, “a língua pode tentar criar limites claros e estáveis para o discurso alheio” (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 255), o que se nomeia como tendência linear, manifestada no discurso transmissor, quase sempre na forma de discurso direto. Nessa tendência, importa atentar ao grau “de percepção autoritária da palavra, o grau de sua confiança ideológica e dogmatismo” (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 256), ou seja, do quanto ela serve ao compartilhamento de certos valores e da força que eles têm no enunciado como um todo. Como no discurso linear prevalece “a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio” (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 257), ocorre um isolamento gramatical e composicional máximo, porém, pode manter-se uma homogeneidade total e estilística em razão do contexto, dos posicionamentos defendidos, de quem são os sujeitos cujas vozes são mobilizadas.

Já na segunda tendência, o discurso pictórico, ocorrem fenômenos opostos, pois a língua com sua gramática elabora meios de o autor infiltrar suas réplicas e comentários no discurso alheio de maneira sutil, a colori-lo de uma entonação própria. Assim, apagam-se as fronteiras entre o discurso autoral e alheio a favorecer marcas sobrepostas da individualidade autoral, o que se denomina estilo pictórico.

Independentemente de as formas de introdução de outros discursos no discurso autoral serem lineares ou pictóricas, a análise desses fenômenos envolve os contextos sociais amplos e imediatos de interação discursiva, os valores sociais postos em diálogo, o tempo-espço em que o discurso é enunciado, as esferas da atividade humana e da comunicação ideológica, os próprios gêneros que mobilizam o discurso e, em última instância, as formas sintáticas que o realizam concreta e socialmente.

Decorre desses prenúncios que as perguntas surgidas para o estudo da sintaxe, a partir do enunciado como unidade de análise em situação de ensino, não seriam lógicas, mas dialógicas em primeiro plano. A quem pertence essa voz? Que apreciação revela? Que entonação compartilha? Que outras vozes e juízos de valor a sustentam? É uma voz consoante aos posicionamentos do autor do enunciado ou foi para cá trazida para ser refutada? Que posicionamento se manifesta a partir dela sobre o tema tratado neste enunciado? É representativa de que tipo de consciência socioideológica sobre o tema? É representativa de que tipo de relação social? Assim, a compreensão sociológica antecede e prevalece à estrutural. As relações dialógicas, ligadas às dimensões extralinguísticas, subsidiam a

compreensão dos sentidos lógicos mobilizados na materialidade e não ao contrário.

Os sentidos lógicos compõem, do ponto de vista gramatical, “uma espécie de limite inferior da entonação expressiva, abaixo do qual tem início outra esfera da gramática e suas categorias formais” (Volóchinov, 2013 [1930] p. 246). Bakhtin (2003 [1979], p. 323) comenta que as “relações dialógicas não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais)”. Nesse ponto, a abordagem dialógica da sintaxe não refuta as interpretações que as gramáticas oferecem sobre os sentidos lógicos das estruturas, mas dialoga com elas, a expandir sobremaneira sua compreensão lógica, a partir do funcionamento das estruturas no enunciado, com vistas à compreensão do discurso.

No terceiro capítulo, em “Discurso indireto, discurso direto e suas modificações”, Volóchinov apresenta mais uma importante reflexão à abordagem dialógica da sintaxe. Para ele, ao longo do tempo, “acumulam-se mudanças, modificações, e se estabilizam novas habilidades de orientação ativa em relação ao discurso alheio que posteriormente são segmentadas como formações linguísticas sólidas nos modelos sintáticos” (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 264). Assim, os fenômenos da linguagem não podem ser analisados à parte dessa relação, porque o modelo gramatical rígido é instável na vida da língua em uso, na qual ocorrem processos de gramaticalização, inerentes às tendências de desenvolvimento da própria língua em dada sociedade e em dada época, preceito este que as gramáticas de orientação funcionalista (Castilho, 2014), atualmente, bem apresentam.

No último capítulo da terceira parte de MFL, “O discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa”, Volóchinov (2018 [1929-1930]) aponta diretamente ao fenômeno da entonação expressiva. Assim, afirma que

o sentido do discurso não é dado fora de sua ênfase e entonação viva e concreta. No discurso indireto livre, reconhecemos a palavra alheia não tanto pelo sentido tomado abstratamente, mas sobretudo pela ênfase e entonação do personagem, isto é, pela orientação valorativa do discurso (Volóchinov, 2018 [1929-1930], p. 314).

Na linha desse raciocínio, em “Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística”, Volóchinov ratifica e amplia suas discussões, a aventar que “nenhuma gramática dirá que função teria uma determinada construção sintática na estrutura estética de qualquer obra: qual seria, por exemplo, a função do discurso indireto livre na enunciação dos heróis de Pushkin ou de Dostoiévski [...]” (Volóchinov, 2013 [1930], p. 215). Mais uma vez, foca-se a questão fundamental das relações dialógicas, cuja interpretação se assenta na compreensão de dimensões extralinguísticas do enunciado.

Conforme ratifica Castro (2009), a terceira parte de MFL e seus quatro capítulos causam surpresa, pois o que Volóchinov propõe para a abordagem da sintaxe é

algo bem distinto daquilo que nossa formação escolar acadêmica aprendeu a relacionar ao tema. Mas se compreendermos os processos de citação como *elementos estruturantes* da comunicação, o que está na base de sua argumentação, essa impressão logo se apaga e dá lugar à ideia de uma sintaxe enunciativa (Castro, 2009, p. 119, grifos do autor).

Toda essa discussão, empreendida em MFL e sintetizada por Castro (2009), encontra coerência enunciativa em *Questões de estilística no ensino de língua* (Bakhtin, 2013 [1940-1960]). Nesse texto, a sintaxe é objeto central vinculado à reafirmação da indissociável relação estilo-gramática, a ser considerada no ensino de língua. A prenciar a ideia que, mais tarde, reafirma em “Gêneros do Discurso”, Bakhtin (2013 [1940-1960]) argui que “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta o seu significado estilístico” (BAKHTIN, 2013 [1940-1960], p. 23), visto que servem à expressividade concretizada por meio de axiologias⁵ concatenadas na materialidade do enunciado. Para o autor, “a interpretação estilística é absolutamente necessária para o ensino de todas as questões que envolvem a sintaxe” (BAKHTIN, 2013 [1940-1960], p. 27).

A discussão de Bakhtin (2013 [1940-1960]) constrói-se em torno do relato de sua própria experiência como professor mediador do ensino de períodos compostos por subordinação a estudantes do nono ano do russo, processo em que deflagra reflexões conjuntas sobre os ressaltos valorativos decorrentes da presença ou da ausência de conectivos lógicos em períodos compostos por subordinação pertencentes a enunciados de Púchkin e Gógol, autores da literatura russa. As práticas reflexivas junto aos alunos – o que hoje nomeamos como atividades epilinguísticas (Culioli, 1968; Franchi, 1987; Geraldi, 1991; Polato; Menegassi, 2020, Mendes-Polato; Menegassi, 2021) – requerem a participação ativa deles na análise de fenômenos axiológicos. A motivação para que Bakhtin (2013 [1940-1960]) ensine a sintaxe de modo a refletir sobre os diferentes efeitos de sentidos em construções sindéticas e assindéticas advém de observar que os períodos compostos por subordinação sem conjunção não se apresentam nas escritas dos alunos dos últimos anos – 8º, 9º, 10º – apesar de serem matéria de estudo no 7º ano, o que ele credits ao fato de os alunos não terem compreendido o valor estilístico dessas estruturas. Assim, problematiza que o estudo sintático estritamente gramatical, centrado na lógica e desprovido de interpretação axiológica, não corrobora o enriquecimento do estilo próprio de linguagem do aluno (Bakhtin, 2013 [1940-1960]).

Os alunos são instigados à transformação de dois períodos assindéticos de Púchkin e um de Gógol em períodos sindéticos. O estudo sintático dialógico permite ao professor e aos alunos sintetizarem o que observam a partir das mudanças. Aqui, replicamos um dos exemplos, para que se compreenda a metodologia empregada por Bakhtin (2013 [1940-1960], p. 30) na condução da reflexão:

1. *Triste estou: o amigo comigo não está* (período original de Púchkin).
2. *Triste estou porque o amigo comigo não está* (período transformado pelos alunos).

Ao interpretar a sintaxe original, em sua expressividade máxima, na qualidade de estrutura sem a presença de conectivo, concluem que a ausência do conectivo suscita uma entonação social pausada e aberta à interpretação axiológica do leitor. Bakhtin instiga os alunos a proferirem os períodos original e transformado, com a ajuda da mímica e do gesto. Como analisa Gogotichvili (2013),

a relação direta entre a dramaticidade e as relações dialógicas aparece já naquele contexto em que MMB [Mikhail Mikhailovich Bakhtin] utiliza o procedimento de dramatização dos períodos analisados (ou seja, um exagero intencional da mímica, dos gestos, da entoação

⁵ Compreende-se por axiologias a tríade que se forma pelo extraverbal da enunciação, pela valoração e pela entonação, conforme se apresentam nas discussões dispostas em *A palavra na vida e a palavra na poesia* (Volóchinov, 2019 [1926]).

emocional e assim por diante). Aqui esse procedimento objetiva evidenciar a presença, em cada período composto sem conjunção, de vários protagonistas (mais do que dois) capazes de produzir nesta construção formalmente unificada (monológica) a sua própria voz e, por conseguinte, capaz de entrar em relações dialógicas (Gogotichvili, 2013, p. 55-56).

Ao proporcionar que os alunos experimentem os efeitos de sentidos da estrutura sintática e como ela desencadeia diferentes formas de apreensão e apreciação no discurso interior pela mediação entonacional, com participação dialógica mais ou menos ativa do leitor no processo, Bakhtin e seus alunos chegam à interpretação dos diferentes efeitos e concluem: a) com a presença da conjunção, o elemento dramático desaparece completamente; b) na variante transformada, a oração tornou-se mais fria, lógica e seca; c) a presença das conjunções subordinadas agrega relações lógicas entre os períodos e priva a formulação dos elementos visuais ou imagéticos, a distanciar a oração de uma possível interpretação metafórica, irônica, emocional no discurso; d) a presença da conjunção muda o peso entonacional e emocional de algumas palavras na oração.

Bakhtin, ainda, reflete junto com os alunos sobre o significado das formas sintáticas da subordinação sem conjunção na história da literatura russa, a mostrar que “as épocas complexas hipotáticas, frias e retóricas do século XVIII dificultavam a aproximação entre a linguagem literária elevada e a linguagem viva coloquial” (Bakhtin, 2013 [1940-1960], p. 38). Assim, coaduna-se com a ideia anterior de Volóchinov (2018 [1929]) de que, na historicidade da língua, acumulam-se e estabilizam-se novas formas de orientação ativa sobre o discurso alheio, mais tarde refletidas nas estruturas sintáticas da língua.

Essas conclusões indicam uma relação direta entre a sintaxe e a construção do discurso no meio social, a dizer de tendências que prevalecem em um dado contexto, e que influenciam na forma como os sujeitos apreendem, apreciam e respondem ao discurso em ato de reforço ou refutação a posicionamentos demarcados. Ao final da discussão, Bakhtin (2013 [1940-1960]) indica que a preocupação pedagógica e didática do professor no trabalho com tópicos de sintaxe é verificar se os alunos conseguem compreender o caráter expressivo, representacional ou argumentativo das formas estudadas e se conseguem aplicá-las posteriormente em seus discursos orais e escritos.

No caso de seus alunos, ele anota que o estudo estilístico-gramatical das formas sintáticas do período composto sem subordinação resultou numa melhora do estilo de linguagem, “que se tornou mais vivo, expressivo, e o principal: começou a revelar-se nele a individualidade do autor, ou seja, passou a soar a sua própria entoação” (Bakhtin, 2013 [1940-1960], p. 40).

Do ponto de vista da produtividade metodológica, Bakhtin registra que as análises estilísticas agradam aos alunos, instigam a participação ativa deles, explicam a gramática de modo vivo e tornam sua apreensão menos seca, a evitar o “arquivamento da língua” (Franchi, 1987) e o apagar da subjetividade.

Refrações de uma abordagem dialógica da sintaxe na LA do Brasil

No contexto das décadas de 1980 e 1990, articulam-se múltiplas discussões constitutivas da episteme de reconfiguração do ensino de língua no Brasil. A crítica ao ensino tradicional pressupõe reorientações teórico-metodológicas capazes de promover compreensões não fragmentárias, com ancoragem em bases interacionistas e dialógicas, as quais não extirpam o trabalho com a gramática dos objetivos de ensino, mas o ressignificam, seja na perspectiva das discussões que envolvem o ensino da gramática contextualizada (Franchi, 1987; Possenti, 1996; Travaglia, 1996), seja na perspectiva da emergente proposta de análise linguística (Geraldi, 1981, 1984, 1991). De trabalhos como os de Franchi (1987) e Geraldi (1991), extraímos as primeiras refrações convergentes a uma abordagem dialógica da sintaxe.

Franchi (1987), em “Criatividade e gramática”, pioneiramente, promove a defesa pedagógica das atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, e institui essas atividades de linguagem como tríade articulatória do ensino da gramática aos processos de compreensão e produção de textos. Já Geraldi (1991), em *Portos de passagem*, promove a reinterpretação dialógica dessas atividades, a inseri-las e regimentá-las como componentes da prática de análise linguística. Em ambas as propostas, a atividade epilinguística é descrita como processo reflexivo constitutivo do uso da linguagem pelos sujeitos, ou processo reflexivo provocado e mediado pelo professor em situação de ensino, com vistas a que o sujeito-aluno apreenda e efetive operações com e sobre a linguagem, quando lê, escuta, escreve, fala, respectivamente. Essas operações são imperativas aos efeitos de sentido. A atividade epilinguística, ainda, é sempre precedente à atividade metalinguística, cuja função é descrever os fenômenos sobre os quais se refletiu, a constituir o conhecimento teórico-científico do aluno para análises e usos futuros.

Como interpreta Franchi (1987), de forma convergente à visão de Bakhtin (2003 [1979], 2013 [1940-1960]), a gramática “é um sistema aberto a uma multiplicidade de escolhas que permite não somente ajustar as expressões aos propósitos e intenções significativas do locutor, mas ainda marcar cada texto, com a marca de um estilo” (Franchi, 1987, p. 43) estratificado de linguagem. Na proposta do autor, o aluno necessita praticar os recursos sintáticos disponíveis na gramática da língua pela mediação das atividades epilinguísticas, em processos parafrásticos ou metonímicos, a partir dos quais estende esquemas relacionais que ultrapassam os limites do codificado. Assim, ao passo que o aluno aprende a operar com e sobre a linguagem, corrobora a revalorização da língua, amplia a própria consciência linguístico-discursiva e, logo, estratifica seu estilo verbal de linguagem.

Para exemplificar uma abordagem responsiva a esses preceitos, Franchi (1987) recupera uma atividade epilinguística intuitiva proposta por um antigo professor seu do colegial, na mediação da produção textual de uma narrativa. O professor convida os alunos a entrarem num jardim pela imaginação e, a partir das possibilidades que a gramática da língua oferece à descrição do espaço narrativo, passam a refletir sobre os diferentes efeitos de sentidos resultantes da aplicação de diferentes escolhas sintáticas, como se representa no Quadro 1.

Quadro 1. Representação de operações sintáticas para descrição do espaço

Bem no centro da vila,	localizava-se	um jardim	com muita sombra	e fresco de onde saíam todas as	ruas pequenas	estreitas
	tinha sido plantado		sombreado		Ruazinhas	
	plantara-se		sombrio (?)		Ruelas	

Fonte: Adaptado pelos autores de “Criatividade e gramática” (Franchi, 1987).

Apenas depois de refletirem sobre os diferentes efeitos de sentidos resultantes das operações sintáticas realizadas no processo, os alunos passam à atividade metalinguística, a fim de descrevê-las, compreender sentidos lógicos, estruturas. A visão de Franchi (1987), apesar de se mostrar mais centrada no processo de instigar a operar com e sobre a linguagem, em si, põe em foco um leque de efeitos de sentido e não a descrição lógico-estrutural em primeiro plano.

Já, Geraldi (1991), em *Portos de passagem*, lança elos posteriores de ampliação a essa proposta. Na visão do autor, as atividades epilinguísticas visam promover a reflexão sobre a língua em uso, com vistas aos efeitos de sentidos concretizados em estratégias de dizer que promovem o estreitamento do projeto intersubjetivo de dizer posicionado. As operações discursivas com e sobre a linguagem, apreendidas no processo de compreensão, ou efetivadas nas práticas de produção textual – atividade epilinguística – provocam deslocamentos no sistema de referências e, logo, a movência dos discursos, ao construir novas representações de mundo a partir da abordagem de temas da vida social. Para Geraldi (1991), assim como para Bakhtin (2003 [1979]), é a partir das tematizações discursivizadas, e dos posicionamentos axiológicos e ideológicos demarcados sobre elas, que o discurso mantém ligação com a vida social e com suas tensões. Toda tensão social resulta das diferentes formas de conceber um tema em dada sociedade.

Geraldi (1991) descreve operações discursivas como operações de construção textual, às quais ele próprio avalia como mostras de um estágio de explorações intuitivas e que podem servir para estudos futuros. A postura do autor é coerente ao que preconiza Volóchinov (2018 [1929-1930]), ao afirmar que a abordagem enunciativa da sintaxe é menos segura ao analista por não ser apenas lógica, mas primordialmente sociológica, ou seja, vinculada a efeitos de sentidos únicos e inerentes ao eixo da novidade enunciativa. A partir da análise enunciativa, e não de estudo de sentidos lógicos e estruturas fixas vinculadas ao eixo da repetibilidade, Geraldi (1991) inventaria um exemplário de operações discursivas, não formado de categorias fixas, em sua maioria, vinculada a usos sintáticos. Tomamos aqui como exemplo uma dessas operações, nominada por ele como “operações de inclusão de falas de terceiros” (Geraldi, 1991, p. 207), e que remete diretamente à importância da discussão de Volóchinov (2018 [1929-1930]) em a “Exposição do problema do discurso alheio”, sobre as formas valoradas de introdução do discurso alheio no discurso autoral e suas formas sintáticas de mobilização.

Visada similar, mas que já incorpora o trabalho com gêneros discursivos, apresenta-se nos trabalhos de Kraemer (2013) e Ohuschi (2013). Na proposição didática feita no trabalho com o gênero conto, Kraemer (2013) dá primazia aos efeitos de sentidos dados pelas formas de enquadramento de

vozes a partir do discurso direto, do indireto e do indireto livre em prática de análise linguística. Já, Ohuschi (2013), em estudo sobre os gêneros discursivos notícia e reportagem, emprega a categorização de vozes de Rodrigues (2005), que inclui a relação dialógica com elos anteriores de assimilação, distanciamento/apagamento e a relação dialógica com elos posteriores de engajamento, refutação, interpelação, direcionamento, ativação do conhecimento prévio, a partir do que a autora aponta à importância do funcionamento dialógico de estruturas sintáticas mobilizadoras de construções nas vozes ativa e passiva, as quais encerram avaliações sociais consumadas entre interlocutores.

Já mais recentemente, em coerência enunciativa ao que se preconiza nas etapas um e três do método sociológico preconizado por Volóchinov (2018 [1929-1930]), Geraldi (2016), em “Dialogia: do discurso à estrutura sintática”, discute diretamente as relações entre a sintaxe e o discurso, a destacar os fenômenos típicos da enunciação e de sua concretização na materialidade linguística do enunciado. Para o autor, “um enunciado faz um recorte de uma cena do mundo para apresentá-lo ao outro, mas esta apresentação não se faz sem que nela interfiram os fenômenos típicos da enunciação, incluídos aí os objetivos do falante” (Geraldi, 2016, p. 183).

Nesse ínterim, o autor ratifica a proposta de uma abordagem enunciativa para a sintaxe e a exemplifica a partir de um curto enunciado narrativo. Nele o narrador participante relata que, ao quebrar um prato e ser interpelado pela mãe para que desse o paradeiro do objeto, responde: “O prato quebrou”, em vez de “Eu quebrei o prato” ou “Eu derrubei o prato e ele quebrou” (Geraldi, 2016, p. 183). A partir dos exemplos, discute que a escolha de uma expressão ou de outra implica em diferentes efeitos de sentido, de modo que uma “análise sintática, com base numa gramática de casos, em que o complemento do verbo (em ‘Eu quebrei o prato’) se torna sujeito do verbo (em ‘O prato quebrou’)” (Geraldi, 2016, p. 183), esconderia processos enunciativos.

Na sequência, Geraldi (2016) confirma que

análises que partem da concepção dialógica da linguagem e que a tomam como uma atividade constitutiva das línguas em seu sentido sociolinguístico, das consciências dos sujeitos falantes [...] permitem que se compreendam mais amplamente os recursos linguísticos mobilizados na construção de qualquer enunciado, de modo que se pode assim ‘revisar as formas da língua em sua compreensão linguística comum’ mesmo que estas compreensões sejam feitas de forma inicialmente intuitiva (Geraldi, 2016, p. 186).

As ideias de Geraldi (2016), como ele mesmo admite, refletem parcialmente as indicações do método sociológico de ensino da língua, e põe em foco a enunciação e a materialidade.

A partir da segunda metade da segunda década de dois mil, os diálogos sobre a prática de análise linguística na LA do Brasil instituem-se verticalmente responsivos aos desenvolvimentos expressivos da concepção sociológica e dialógico-enunciativa de linguagem preconizada por autores do Círculo de Bakhtin (Polato, 2017), o que desfecha na defesa de uma perspectiva dialógica de análise linguística, que preconiza a

abordagem pedagógica de aspectos linguístico-textuais, enunciativos e discursivos em materialidades textuais mobilizadas em gêneros discursivos, com mira à compreensão e à

produção valorada de discursos éticos, a partir de uma abordagem valorativa da língua, que se efetiva na análise da relação indissociável estilo-gramática, materializada em enunciados concretos (BAKHTIN, 2003a [1979], 2013 [1940-1960]; Polato; Menegassi, 2019b). Nessa perspectiva, as relações dialógicas integrantes da produção de sentidos são foco de discussão, para compreensão das relações sociais representadas nos textos (GERALDI, 2016). (Mendes-Polato, Ohuschi; Menegassi, 2020, p. 131).

No conjunto dessas discussões, Polato e Menegassi (2017, 2018, 2019a, b), Mendes-Polato (2020, 2021) e Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020) atribuem expansões às atividades epilinguísticas e metalinguísticas que, em perspectiva dialógica e pedagógica, passam a considerar a dimensão extralinguística do enunciado para deflagrar reflexões sobre a constituição do discurso, a considerar como os cronotopos (Bakhtin, 1988b) o perpassam axiológica e ideologicamente; como as esferas ideológicas de comunicação nele legitimam projeções axiológicas e ideológicas; como a situação de interação discursiva regulariza essas mesmas projeções, que se refletem à materialidade enunciativa em todo seu potencial expressivo (Acosta-Pereira; Brait, 2020). Os autores defendem que a consideração desses aspectos que unem a orientação interna e externa do gênero à realidade (Medviédev, 2019 [1928]) corrobora a ampliação da consciência socioideológica e linguística dos estudantes, em linha similar às propostas de Costa-Hübes (2017) e Acosta Pereira (2018).

A partir das dimensões linguísticas e extralinguísticas do enunciado (Rodrigues, 2001, 2005), as atividades epilinguísticas levam a reflexionar sobre aspectos textuais e composicionais, relações dialógicas e lógicas, axiologias, configurações de cronotopos internos, formas valoradas de introdução do discurso alheio no discurso autoral (Mendes-Polato; Menegassi, 2020). Nesse ínterim, preconiza-se “que as palavras representam índices de valor social circunscritos à enunciação concreta tanto quanto as estruturas sintáticas mobilizadas representam blocos de juízo de valor e entoacionais socialmente compartilhados” (Polato; Menegassi, 2019b, p. 5).

Polato e Menegassi (2018) efetivam a abordagem dialógica de aspectos da sintaxe em prática de análise linguística de perspectiva dialógica direcionada ao Ensino Médio, no trabalho com um conto de Marina Colasanti (1986)⁶, cuja a temática discursivizada é a violência e a opressão masculina contra a mulher no relacionamento conjugal. A partir do primeiro parágrafo do conto, que se apresenta no Quadro 2 com marcações alfabéticas, descreve-se a proposta dos autores.

Quadro 2. Primeiro parágrafo do conto “Para que ninguém a quisesse”

a) Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, b) mandou que descesse a bainha dos vestidos c) e parasse de se pintar. d) Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e) e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, f) jogasse fora os sapatos de saltos altos. g) Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias. h) E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Fonte: Colasanti (1986).

⁶ Referimo-nos ao conto “Para que ninguém a quisesse”, inserido à coletânea *Contos de amor rasgados* de Marina Colasanti (1986).

Antes de apresentar propostas metalinguísticas⁷ para compreensão dos sentidos lógicos e de aspectos estruturais próprios às orações subordinadas adverbiais causal (a) e concessiva (d, h), substantiva objetiva direta (b), coordenada somativa sindética (c), assindética (f), construção em voz passiva (e) e adjuntos adverbiais de lugar (g), apresentam-se propostas de atividades epilinguísticas que põem foco às relações dialógicas, axiologicamente encadeadas, que perpassam o enunciado e nele engendram vozes representativas de consciências sociais, discursos machistas sobre o controle do corpo e do comportamento feminino, controle do uso de roupas e acessórios considerados signos de beleza feminina.

A proposta de atividades epilinguísticas se organiza a levar o aluno a compreender como valorações e entonações matizam ideologias, subsidiam a vida do discurso, compõem a discursivização de atos de violência verbal, psicológica e física praticados contra a mulher no conto, como reflexo do que acontece nas relações sociais. Recortamos, como exemplo de abordagem de ligação entre relações dialógicas e lógicas, pelas atividades epilinguísticas e metalinguística, a proposta dos autores em discutir sobre a função dos adjuntos adverbiais de lugar (g), na representação de cronotopos internos da narrativa. Esses são orientados à tematização discursivizada, aos interlocutores constituídos, com os quais a autora compartilha o posicionamento axiológico e ideológico de embate à violência contra a mulher, a mostrar que a personagem masculina autoritária, violenta é, também, invasiva dos espaços de pertença da mulher para lhe retirar objetos. Na atividade metalinguística se explica o que é um adjunto adverbial de lugar e como funciona de forma específica nesse discurso.

Em linha similar de abordagem dialógica da sintaxe, Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020) abordam os efeitos de sentidos mobilizados por um vocativo e uma estrutura gramatical subordinada adverbial causal componente do discurso verbal de uma charge⁸, que tematiza a crítica ao uso de agrotóxicos na produção de alimentos no cronotopo brasileiro em que se observa um crescimento expressivo da liberação de registros de agrotóxicos no país. Na charge, uma mulher, no papel social de mãe, dirige-se ao filho criança, para incentivá-lo a comer toda a salada, quando ele antes de ingeri-la, com os talheres dispostos na vertical, observa pela janela um agricultor aplicando agrotóxicos em verduras e hortaliças. Assim, na parte verbal da charge, a mãe enuncia: “FILHINHO, COME A SALADA TODA QUE VAI TE DEIXAR MAIS SAUDÁVEL!”.

Em prática, são apresentadas propostas de atividades epilinguísticas respondentes aos princípios orientadores de uma abordagem dialógica da sintaxe, para que os alunos compreendam como a mulher reacentua, de forma maternal, “a voz própria dos discursos sociais sobre saúde

⁷ As propostas de atividades metalinguísticas desenvolvidas neste trabalho ancoram-se em gramáticas de orientação tradicional, para diálogo mais efetivo com os interlocutores professores.

⁸ A charge pode ser acessada no endereço eletrônico: <http://www.arionaurocartuns.com.br/search/label/agrotóxicos>.

alimentar [...] para os quais a ingestão de salada é juízo de valor inquestionável à ideia da composição de uma alimentação voltada para a saúde” (Mendes-Polato, Ohuschi; Menegassi, 2020, p. 137).

A estabelecer um percurso para que os alunos compreendam como as relações dialógicas não dispensam os sentidos lógicos, na atividade metalinguística decorrente, explica-se como o sentido lógico causal, por relacionar causas e consequências, ajuda na construção do efeito de verdade do enunciado. No entanto, esse efeito é destituído pela ironia instaurada, à medida que a compreensão das relações dialógicas aponta que a mãe, adulta, reproduz acriticamente um discurso sobre saúde alimentar amplamente propagado no meio social, enquanto o filho, criança, sabe que esse discurso não é totalmente verdadeiro.

Síntese das orientações teórico-metodológicas à abordagem dialógica da sintaxe

A partir da discussão empreendida com base nos princípios exarados por autores do Círculo de Bakhtin, por sua vez refratados em trabalhos da Linguística Aplicada do Brasil aqui comentados, sintetizamos alguns princípios teórico-metodológicos para uma abordagem dialógica da sintaxe em situação de ensino. O Quadro 3 apresenta, na primeira linha horizontal, o princípio basilar fundamental, sua justificativa e referência. Nas demais linhas horizontais seguintes, aparecem princípios subjacentes ao basilar, da mesma forma justificados e referenciados.

Quadro 3. Princípios teórico-metodológicos para a abordagem dialógica da sintaxe

PRINCÍPIO BASILAR CENTRAL	JUSTIFICATIVA E REFERÊNCIAS
A abordagem dialógica da sintaxe é enunciativa.	A abordagem de qualquer aspecto sintático só é produtiva a partir da compreensão do funcionamento do enunciado. (Volóchinov, 2018 [1929-1930]; Bakhtin, 2003 [1979]; 2015 [1934-1935]).
PRINCÍPIOS SUBJACENTES	JUSTIFICATIVA E REFERÊNCIAS
Dá-se a partir da relação indissociável estilo-gramática.	Diferentes estruturas sintáticas desencadeiam diferentes efeitos de sentidos. Assim, a estrutura sintática não pode ser aprendida à parte de seu potencial de mobilizar axiologias ligadas à expressividade do enunciado. (Bakhtin, 2003 [1979], 2013 [1940-1960], 2015 [1934-1935]).
Une relações lógicas e dialógicas e favorece a compreensão de axiologias mobilizadas no enunciado.	Os sentidos lógicos suscitados pela estrutura sintática podem ser compreendidos com a ajuda de gramáticas que descrevem seu funcionamento, mas as valorações e as entonações expressivas mobilizados só podem ser compreendidas se forem consideradas as condições de produção do enunciado e as possíveis relações dialógicas que se estabelecem com o já dito e com a resposta antecipável ao interlocutor (Volóchinov, 2013 [1930], 2019 [1930]; Bakhtin, 2003 [1979], 2015 [1934-1935], Polato; Menegassi, 2017, 2019a, 2021).
Responde à compreensão do intuito discursivo autoral.	Dadas relações dialógicas e lógicas são mobilizadas em razão do projeto intencional do autor (Geraldí, 2016).

Subsidia a compreensão das formas valoradas de introdução de vozes no discurso autoral.	O autor de linguagem introduz, de forma linear ou pictórica, vozes sociais em seu discurso, a corroborar o posicionamento axiológico defendido sobre a temática discursivizada, podendo reforçá-las ou refutá-las (Volóchinov, 2013 [1930], 2018 [1929-1930]).
Elucida como se constitui a dialogicidade no enunciado.	Algumas estruturas sintáticas representam regularidades próprias dos gêneros discursivos e são revestidas do tom desse gênero. Outras apresentam ressonâncias expressivas de enunciados já ditos e outras, ainda, podem se constituir como marcas idiossincráticas do estilo individual de linguagem do autor (Bakhtin, 2003 [1979]; Volóchinov, 2013 [1930], 2018 [1929-1930]).
Medeia a apreensão apreciativa do discurso.	A escolha da estrutura sintática influencia a forma como o receptor/interlocutor experimenta a enunciação do outro na sua consciência (Volóchinov, 2018 [1929-1930]; Mendes-Polato; Ohuschi, Menegassi, 2020).
Institui reflexões sobre diferentes efeitos de sentidos decorrentes de operações discursivas.	Escolhas sintáticas autorais ocorrem por meio de processos reflexivos, a considerar a que gramática da língua é um leque aberto de possibilidades de realização discursiva (Franchi, 1987; Geraldi, 1984, 1991, 2016; Bakhtin, 2003 [1979], 2013 [1940-1960], 2015 [1934-1935]; Polato; Menegassi, 2017, 2018, 2019a, 2020; Mendes-Polato; Ohuschi, Menegassi, 2020).
Corroborar o enriquecimento do estilo verbal dos alunos.	A realização de operações discursivas com e sobre a linguagem serve à formulação de estratégias de dizer e amplia as possibilidades de o aluno diversificar escolhas sintáticas, a favorecer o enriquecimento de sua produção discursiva (Bakhtin, 2003 [1979], 2013[1940-1960]; Franchi, 1987; Geraldi, 1991, 2016).
Favorece a compreensão das tendências que o discurso assume em determinadas épocas.	Nas tensões entre os processos de centralização e descentralização verboideológica comuns à produção discursiva situada, as formas sintáticas se desenvolvem nos discursos cotidianos e institucionalizados. Diferentes épocas supõem diferentes tendências de usos da linguagem que se consolidam sintaticamente (Bakhtin, 2015 [1975]; Volóchinov, 2018 [1929-1930]).

Fonte: Os autores (2021).

As orientações teórico-metodológicas à abordagem dialógica da sintaxe, dispostas no Quadro 3, encorpam as propostas de compreensão e produção do discurso vivo em situação de ensino. As atividades epilinguísticas responsáveis pela reflexão sobre efeitos de sentido, ou sobre axiologias compartilhadas no enunciado, precedem quaisquer atividades metalinguísticas (Geraldi, 1984, 1991; Franchi, 1987), visto as propostas dialógicas de ensino responderem, primordialmente, à ordem metodológica sociológica para estudo da língua/discurso (Volóchinov, 2018 [1929-1930]).

Considerações finais

Neste texto, depois de recuperar, discutir e sistematizar princípios teórico-metodológicos a uma abordagem dialógica da sintaxe a ser considerada em situação de ensino, destacamos que, em sua orientação primordialmente sociológica, ela é produtiva à ampliação da consciência socioideológica dos sujeitos-alunos sobre os temas sociais que compõem a vida do discurso, à medida que se volta às relações dialógicas e lógicas que o constituem axiológica e ideologicamente.

A atividade epilinguística, responsável por mediar a reflexão sobre os efeitos de sentido, ou ressaltos valorativos dados pelas estruturas sintáticas componentes do discurso, mantém relação bilateral estreita com a atividade metalinguística, que proporciona estudo lógico complementar à reflexão precedente, a favorecer a ampliação da consciência linguístico-discursiva, enunciativa do sujeito aluno. A proposta, assim, enseja que a abordagem dialógica da sintaxe serve à produção e à compreensão do discurso vivo em situação de ensino, requisito à emancipação humana pelo diálogo.

Referências

- ACOSTA PEREIRA, R. 2018. A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa: por uma ancoragem dialógica. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, 10(1):182-200.
- AMORIM, M. 2004. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo, Musa Editora, 304 p.
- BAKHTIN, M. 1988a [1975]. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: M. BAKHTIN. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo, Ed. da UNESP, p. 13-70.
- BAKHTIN, M. 1988b [1975]. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: M. BAKHTIN. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo, Ed. da UNESP, p. 211-362.
- BAKHTIN, M. 2003 [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 512 p.
- BAKHTIN, M. 2013 [1940-1960]. *Questões de Estilística no Ensino de Língua*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo, Editora 34, 120 p.
- BAKHTIN, M. 2008 [1963]. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio: Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 366 p.
- BAKHTIN, M. 2015 [1934-1935]. O discurso no romance. In: M. BAKHTIN. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. Organização da edição russa: Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo, Editora 34, p. 19-167.
- CASTILHO, A. T. 2014. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 770 p.
- CASTRO, G. 2009. Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In: BRAIT, B. (org). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo, Contexto, p. 117-136.
- CEGALLA, D. P. 2008. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 776 p.

Mendes-Polato, Menegassi e Fuza – Por uma perspectiva dialógica de abordagem da sintaxe

CHOMSKY, N. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 296 p.
<https://doi.org/10.21236/AD0616323>

COLASANTI, M. 1986. Para que ninguém a quisesse. In: M. COLASANTI. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 111-112.

COSTA-HÜBES, T. C. 2017. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. *PERcursos Linguístico*, 7(14):270–294.

CULIOLI, A. 1968. La formalisation em linguistique. *Cahiers pour l'Analyse*. Paris, 9(1):106-117.

FARACO, C. A. 2007. Autor e autoria. In: B. BRAIT. (org.), *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo, Contexto, p. 37- 60.

FARACO, C. A. 2009. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 168 p.

FRANCHI, C. 1987. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 9(1):5-45.

GERALDI, J. W. 1991. *Portos de passagem*. São Paulo, Martins Fontes, 288 p.

GERALDI, J. W. 2016. Dialogia: do discurso à estrutura sintática. In: R. H. RODRIGUES; R. ACOSTA-PEREIRA. (org.), *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada*. São Carlos, Pedro & João Editores, p. 179-190.

GOGOTICHVILI, L. 2013. Sobre o texto de Bakhtin. In: M. BAKHTIN. *Questões de Estilística no Ensino de Língua*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo, Editora 34, p. 45-60.

HENRY, P. 2012. Construções relativas e articulações discursivas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19(1):43–64.

KRAEMER, M. A. D. 2013. *Reflexão sobre o trabalho docente: o conhecimento construído na formação continuada e a transposição didática*. Londrina, PR. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Londrina - UEL, 321 p.

MEDVIÉDEV, P. N. 2019[1928]. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo, Contexto, 270 p.

MENDES-POLATO, A. D.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. 2020. Análise linguística em charge: sequência de atividades dialógicas. *Línguas & Letras*, 21(49):127-154.
<https://doi.org/10.5935/1981-4755.20200007>

MENDES-POLATO, A. D.; MENEGASSI, R. J. 2021. Atividades epilinguísticas valorativas em prática de análise linguística de perspectiva dialógica. In: R. ACOSTA PEREIRA; T. C. COSTA-HUBES. [Orgs.]. *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 183-218.

Mendes-Polato, Menegassi e Fuza – Por uma perspectiva dialógica de abordagem da sintaxe

- NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. C. 2012. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: J. L. FIORIN. (org.), *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo, Contexto, p. 81-110.
- NEVES, M. H. M. 2018. *A Gramática do português revelada em textos*. São Paulo, UNESP, 1394 p.
- OHUSCHI, M. C. G. 2013. *Ressignificação de saberes na formação continuada: a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem*. Londrina, PR. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Londrina - UEL, 294 p.
- PEREIRA, R. A.; BRAIT, B. 2020. A valoração em webnotícias direcionadas às mulheres. *Revista da Anpoll*, 51(2):89-107. <https://doi.org/10.18309/anp.v51i2.1394>
- PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. 2015. Por uma análise dialógica do discurso: reflexões. In: M. P. C. ALVES; O. VIAN JR, O (org.), *Práticas discursivas: olhares da Linguística Aplicada*. Natal, EDUFRN, p. 61-84.
- POLATO, A. D. M. 2017. *Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico*. Maringá, PR. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá UEM, 231p. <https://doi.org/10.1590/2176-457327809>
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. 2017. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, 12(2):123-143.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. 2018. O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. In: E. M. D. BARROS; M. S. D. STRIQUER; L. J. STORTO. (org.). *Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, v. 1, p. 43-69.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. 2019a. A epistemologia dialógica da análise linguística. *Fórum Linguístico*, 16(2):3742- 3757. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n2p3742>
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. 2019b. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, 41(2):1-12. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.44773>
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. 2020. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. *Revista de Estudos da Linguagem*. 29(2):1-41. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.3.1059-1098>
- POSSENTI, S. 1996. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, Mercado de Letras, 96 p.
- RODRIGUES, R. H. 2001. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico: cronotopo e dialogismo*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 347 p.

Mendes-Polato, Menegassi e Fuza – Por uma perspectiva dialógica de abordagem da sintaxe

RODRIGUES, R. H. 2005. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. *In: J. L. MEURER; A. BONINI; D. MOTTA-ROTH. (org.), Gêneros – teorias, métodos, debates. São Paulo, Parábola Editorial, p. 152-183.*

ROJO, R. H. 2006. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. *In: L. MOITA LOPES. (org.), Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo, Parábola, p. 253-276.*

TRAVAGLIA, L. C. 1996. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo, Cortez, 248 p.*

VOLOCHÍNOV, V. N. 2013 [1926]. Palavra na vida e palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. *In: V. N. VOLOCHÍNOV. A construção da enunciação e outros ensaios. Tradução: João Wanderley Geraldi. São Carlos, Pedro & João Editores, p. 71-100.*

VOLÓCHINOV, V. N. 2018 [1929/1930]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Editora 34, p. 201-226.*

VOLOCHÍNOV, V. N. 2019 [1930]. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In: V. N. VOLOCHÍNOV. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, p. 266-305.*

VOLOCHÍNOV, V. N. 2013 [1930]. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. *In: V. N. VOLOCHÍNOV. A construção da enunciação e outros ensaios. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos, Pedro & João Editores, p. 213-250.*

Submetido: 29/11/2021

Aceito: 24/04/2022